

MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso  
Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717  
V. 9, N. 1 (janeiro-julho de 2018)

## A FÉ IMAGINÁRIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA FÉ INTELIGENTE NO DISCURSO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Wellton da Silva de Fatima<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho se colocou a investigar os processos de produção e os deslocamentos de sentido para a fé no discurso da *Igreja Universal do Reino de Deus*. Para tanto, ancoramo-nos na Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente aquela filiada aos domínios teóricos inaugurados por Michel Pêcheux (2014 [1969]; 1995 [1975]) na França e desenvolvida por ele e outros pesquisadores também no Brasil. A partir da noção de formações imaginárias (PÊCHEUX, 2014 [1969]), investigamos como se insere, discursivamente, no campo semântico religioso a noção de *fé inteligente*, cunhada pelas autoridades da supracitada igreja. Partindo da notação do funcionamento da ideologia (PÊCHEUX, 1995 [1975]) retornamos ao discurso religioso tal como definido e redefinido por Orlandi (1987; 2007) para perceber, no jogo de imagens que se produz como efeito de sentido, as particularidades da prática discursiva da *Igreja Universal*. Como resultados desta investigação, percebemos o funcionamento de contraposições binárias pelas quais se semantiza a fé e que, por sua vez, tem implicações na produção de sentidos específicos que distinguem a fé praticada pela IURD da fé praticada em outros domínios religiosos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Ideologia; Formações imaginárias; Fé Inteligente; Igreja Universal do Reino de Deus.

**ABSTRACT:** The present work focuses on the processes of production and the displacement of meaning of faith in the discourse of the Universal Church of the Kingdom of God. To that end, we are anchored in the Discourse Analysis of the French line, more specifically that affiliated with the theoretical domains inaugurated by Michel Pêcheux (2014 [1969]; 1995 [1975]) in France and developed by him and other researchers also in Brazil. From the notion of imaginary formations (PÊCHEUX, 2014 [1969]), we investigate how the notion of intelligent faith, coined by the authorities of the aforementioned church, is inserted discursively in the religious semantic field. From the notation of the workings of ideology (PÊCHEUX, 1995 [1975]) we return to religious discourse as defined and redefined by Orlandi (1987, 2007) to perceive, in the game of images produced as an effect of meaning, some particularities discursive in the Universal Church. As a result of this research, we perceive the functioning of binary counterpositions by which faith is semanticized and which, in turn, have implications for the production of specific meanings that distinguish the faith practiced by the IURD from faith practiced in other religious domains.

**KEY WORDS:** Discourse; Ideology; Imaginary formations; Intelligent Faith; Universal Church of the Kingdom of God.

### Introdução

A problemática que aqui nos traz é desdobramento de discussões que iniciamos no interior do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense. O aparato teórico-metodológico ao qual, neste laboratório, filiamo-nos encontra seu alicerce nos estudos inaugurados por Pêcheux (2014[1969]; 1995 [1975]) na década de 1960, na França, e atualmente desenvolvidos,

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Linguagem (UFF/LAS/CAPES) – [malcon.welton1@gmail.com](mailto:malcon.welton1@gmail.com)

também no Brasil, por autoras como Orlandi (1987) e Mariani (1996).

Em nosso trabalho anterior (FATIMA, 2018) investigamos, entre outras coisas, processos de significação do gênero e da sexualidade a partir de textos formulados no jornal *Folha Universal*, da *Igreja Universal do Reino de Deus* (doravante *IURD*).

Um incômodo, no entanto, ficou a partir da observação de outros textos que não compuseram nosso *corpus* de análise. Os tais textos aos quais nos referimos circula(ra)m<sup>2</sup> por diversos meios – o próprio jornal da *IURD*, canais em redes sociais, no site oficial da instituição religiosa, etc. Consistiam esses textos produzidos pela igreja, pois, em expor, descrever e demonstrar questões em torno da noção de *fé inteligente*.

De início, a noção, tal como cunhada pelas autoridades religiosas da igreja, causou-nos curiosidade já que, ao tratar de ‘inteligência’, supostamente se convoca para a significação da fé – tradicionalmente observada a partir do não-racional – justamente uma racionalidade. Isto é, o sintagma nominal “fé inteligente” que designa o referente discursivo do qual se fala, já se apresenta em um pretendido deslocamento em relação ao que seria uma fé *normal*.

Estamos contrapondo razão à emoção, em função da maneira como o sentido sobre a fé se materializa no discurso da igreja. Essa contraposição é possível no sentido de que a fé, sendo metafísica, é algo que foge aos limites da razão. Não é nosso objetivo, aqui, pensar a razão contraposta à não-razão no sentido de um não-saber.

Surgiu, dessa forma, a necessidade de produzir um trabalho nos moldes científicos que temos seguido, objetivando perceber os processos de produção de sentido para a *fé* no discurso da *Igreja Universal*. Isto é, interessa-nos, teoricamente, pensar como é possível significar a fé tendo como ponto de partida teórico a teoria à qual nos filiamos.

Considerando o objetivo que elencamos para esta discussão, procedemos à seguinte divisão deste trabalho: em primeiro lugar, trazemos algumas questões sobre a Análise de Discurso, a teoria que nos ancora; em um segundo momento, fazemos algumas reflexões acerca do objeto, implicado pelo religioso, pela forma jornalística das matérias do site, dentre outros elementos; a seguir, procedemos às nossas análises de acordo com as sequências discursivas recortadas de matérias do site *Universal.org*; e, por último, ainda tecemos algumas considerações finais.

2. Produzimos, ao longo deste texto, ancorados nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso pecheutiana, algumas estruturas utilizando os parênteses em meio às palavras. No caso de “circula(ra)m”, por exemplo, utilizamos tal estratégia para ressaltar que embora os textos tenham sido publicados em data passada – nesse sentido, eles circularam –, eles não deixam de circular no momento de sua publicação, principalmente em se tratando das mídias digitais e de massa – nesse sentido, eles ainda circulam. Faremos tal uso – dos parênteses, e também das barras quando for conveniente – também no caso de algumas preposições, situações nas quais, por exemplo, por pressupostos teóricos, não podemos decidir se um “fato é da linguagem” ou o “fato que se dá na linguagem”. Desse modo, utilizaremos a forma “fato da/na linguagem”.

## A teoria que nos ancora

A Análise do Discurso de linha francesa é a teoria que nos ancora para este trabalho. Iniciada na década de 1960, na França, por Michel Pêcheux (2014 [1969]; 1995 [1975]) e desenvolvida, também no Brasil por diversos pesquisadores tais como Orlandi (1987) e Mariani (1996), apresenta-se como uma disciplina de interpretação que desloca a pergunta básica *o que isto quer dizer?* para uma investigação mais aprofundada pautando-se na pergunta *como este fragmento de linguagem funciona?* (ORLANDI, 2013, p. 45).

Conceituando discurso como “efeitos de sentidos (e não transmissão de informação) entre os interlocutores” (PECHÊUX, 2014 [1969], p. 82), consideramos, para esta investigação, os efeitos que se produzem entre as posições-sujeito envolvidas da discursividade posta em circulação por nosso objeto de investigação: a noção de *fé inteligente* produzida pela IURD através de seus veículos de comunicação.

Posição-sujeito é uma noção cunhada por Pêcheux (1995 [1975]), e retomada por diversos autores, a qual permite que teorizemos o sujeito não como indivíduo, em sua consciência, mas em sua relação com a forma-sujeito histórica atual. Isto é, o sujeito enunciator, ao tomar a palavra, inscreve-se em posições possíveis em uma determinada formação discursiva. É, portanto, a partir da identificação com uma formação discursiva que se pode perceber, no funcionamento do discurso, algumas posições mais ou menos estáveis e que cumprem papéis ideológicos afins, tais como, no nosso caso, a autoridade religiosa (bispo, padre, pastor, etc.), os fiéis, entre outras.

Tais posições-sujeito – a saber a Igreja e o sujeito/fiel – ao relacionarem-se por meio da linguagem estão enredados pelas tramas simbólicas de significação que se dão por meio de imagens que se constituem no processo de materialização dos sentidos e dos próprios sujeitos, já que, conforme Orlandi (2013), sujeito e sentido se constituem mutuamente.

Para perceber o funcionamento discursivo dessas imagens que (se) projetam (n)o discurso, retornamos à noção de *formações imaginárias* tal como é situada teoricamente por Pêcheux (2014 [1969]). Para o autor “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 82).

A e B são, tal como propõe o autor a partir de uma crítica ao esquema elementar de comunicação de Jakobson (1963), os agentes do discurso. O lugar desses agentes é, na perspectiva teórica da Análise do Discurso, ocupado por sujeitos em suas respectivas posições na formação discursiva em que estão inscritos. Desse modo, diferentemente do que propõe

Jakobson (1963), na teoria de Pêcheux os pontos A e B são lugares aprioristicamente vazios, mas paradoxalmente sempre ocupados de acordo com o que se determina pelas condições de produção do discurso.

O deslocamento proposto por Pêcheux (2014 [1969]) é possível pelo lugar ocupado pela teoria. A Análise do Discurso, estruturando-se a partir do tripé: Linguística, Materialismo histórico e dialético e Psicanálise, busca superar uma abordagem de tratamento textual – a análise de conteúdo – que estivera, em determinada época, mais fortemente em voga nas ciências humanas e sociais.

De acordo com Mariani (1997)

Michel Pêcheux propôs articular três regiões do saber: o materialismo histórico, enquanto teoria das formações sociais e suas transformações; a linguística, enquanto teoria dos processos não subjetivos de enunciação e a teoria do discurso, como teoria da determinação história dos processos semânticos. Estas três regiões, ainda de acordo com Pêcheux, são atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. (MARIANI, 1997, p. 33).

Considerando-se, portanto, o terreno em que a teoria se desenvolve, é possível tensionar o trabalho da ideologia<sup>3</sup> na constituição dos processos semânticos tendo como base uma semântica de cunho materialista<sup>4</sup>. Além disso, coloca-se em questão a autonomia do sujeito sobre a língua, isso porque intervém no processo de significação a história em seu real, e também como memória e condições de produção já que, para nós, o sujeito é afetado pela ideologia e é atravessado pelo inconsciente sendo, desse modo, um sujeito descentrado.

Isso, ao discutirmos a inserção das posições-sujeito, que aqui podem ser representadas por A e B, no discurso, torna-se possível afirmarmos que “A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 81). Trata-se, portanto, de uma série de projeções imaginárias que se faz, no movimento de significação do objeto simbólico, sobre o que se diz, quem diz, como diz, etc.

As posições-sujeito são, dessa forma, produzidas na forma como se dá a história e na maneira como se apresentam as condições de produção tanto no sentido mais abrangente – as condições sócio-históricas que caracterizam uma dada formação social – quanto no sentido

3 O conceito de ideologia, para nós, é reconsiderado do ponto de vista da linguagem (ORLANDI, 2013, p. 45). Desse modo, percebemos a ideologia como “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2013, p. 46), já que é pela filiação ideológica na qual o sujeito se encontra, que ele poderá interpretar um determinado fato de linguagem de uma maneira e não de outra.

4 Isso significa, em primeiro lugar, que tomaremos o estágio atual da formação social como um processo histórico e, em segundo, que a língua, em sua relação com exterioridade, ao ser investida de significação, será observada em sua materialidade, isto é, em sua espessura e não-transparência. Desse modo, a Análise de Discurso pecheutiana distingue-se de disciplinas como a Análise de Conteúdo, que busca no texto um sentido inequívoco e independente da exterioridade que, para nós, é constitutiva dos processos de significação.

mais imediato – as influências no contexto da formulação do dizer. Sendo assim, “se o que dissemos antes faz sentido, resulta pois dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social [...]” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 81).

A problemática das projeções imaginárias, de que estamos aqui tratando, está intrinsecamente ligada à relação linguagem-mundo. Mais especificamente, no tocante aos processos de referenciação, isto é, quando a linguagem se projeta para o mundo diante da necessidade de se referir a algo. O referente discursivo, como temos afirmado, guarda também estreitas relações com as condições de produção do discurso atuais, já que tais condições afetam/delineiam o modo como o referente será significado. De acordo com Pêcheux (2014 [1969]), afirmamos que “[...] estando o referente discursivo inserido na formação social, estará ele também submetido às condições de produção, insurgindo como um objeto imaginário.” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 83)

Outro ponto importante a se destacar é o funcionamento discursivo das antecipações no que se refere às relações de força e de sentido que estão em voga na formação social. De acordo com Orlandi (2013) “[...] segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras” (ORLANDI, 2013, p. 39). Assim, os sujeitos em suas posições são capazes, ao imaginar a forma como o outro os escuta, de produzir antecipações, e isso produz efeitos naquilo que vai ser dito. Esse mecanismo rege, portanto, o processo de significação estando em constante funcionamento, não sendo possível, para o sujeito, fugir dele.

Ainda de acordo com a autora: “esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.” (ORLANDI, 2013, p. 39). Sendo assim, torna-se possível percebermos, pelo enunciado que foi produzido em uma determinada situação, as imagens que um sujeito, em dada posição, fez do outro para dirigir-lhe a palavra daquela forma e não de outra forma qualquer.

Entram, também, no funcionamento das formações imaginárias, as relações de força que estão postas pelo modo como a história (se) constitui (n)as posições-sujeito do discurso.

Segundo essa noção (a de relações de forças), podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que se diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. (ORLANDI, 2013, p. 39) parênteses meus.

Há, desse modo, uma série de relações desiguais colocadas na formação social que

impossibilita que na maioria das relações entre os sujeitos se possa falar em situação de igualdade. Ou seja, existem autoridades – e subordinações – pré-determinadas para as posições-sujeito no discurso, isso porque, conforme Orlandi (2013) “[...] nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas” (ORLANDI, 2013, p. 39-40)

É a partir desse formulado teórico que se torna possível propor um quadro das formações imaginárias, conforme trazemos na seção a seguir, o qual funciona nos modos de significação que, neste artigo, objetivamos investigar.

### **Reflexões acerca do objeto**

Em nossos trabalhos anteriores (FATIMA, 2016; 2017; 2018), dedicamo-nos a compreender determinados processos discursivos que se inscreviam no/a partir do jornal *Folha Universal* da IURD. Já nessas pesquisas, o deslocamento da noção de fé comparecia fortemente, demonstrando um movimento na forma de funcionar – discursivamente – no que se refere a esse elemento tão caro à religiosidade cristã.

De acordo com Orlandi (1987), no bojo de sua teorização sobre o discurso religioso, a fé pode ser compreendida como um ponto de passagem entre os planos temporal – onde se situam os homens/fiéis – e espiritual – no qual se situa Deus.

Há, *a priori*, três posições-sujeito fundamentais para o funcionamento do discurso religioso: a posição-sujeito Deus<sup>5</sup>, o Sujeito absoluto, a posição-sujeito fiel e, também, a posição-sujeito ocupada pela autoridade religiosa – pastores, bispos, padres, rabinos – pela qual se coloca um problema, para nós, fundamental (ORLANDI, 1987, p. 241-242). Tal problema consiste nos modos de representação no que tange aos mecanismos de incorporação de vozes tratados por Orlandi (1987, p. 244).

Isso quer dizer que a autoridade religiosa tem o potencial de transitar entre os diferentes planos do discurso religioso. Ainda de acordo com Orlandi (1987, p. 244), se, por um lado, discursivamente, Deus é o lugar da verdade, e o fiel é o lugar da necessidade do conhecimento da verdade, por outro lado, a autoridade religiosa é detentora da palavra da verdade e possui o poder de traduzi-la para o fiel.

Tal processo se dá pois, tal como propõe Orlandi, “o que funciona na religião é a *onipotência do silêncio divino*. Mais particularmente, isto quer dizer que, na ordem do discurso religioso, Deus é o lugar da onipotência do silêncio. [...] E o homem precisa desse lugar, desse silêncio, para colocar uma sua fala específica: a de sua *espiritualidade*”

<sup>5</sup>Conforme temos afirmado, a partir de Orlandi (1987), “Deus é Sujeito, pois tem o poder de nomear, de designar, e ao fazê-lo interpela o seu interlocutor em sujeito tal como o funcionamento da própria ideologia.” (FATIMA, 2016, p. 745)

(ORLANDI, 2007, p. 28) grifos da autora. Estando, então, Deus no lugar do silêncio, e sendo a autoridade religiosa detentora do poder de guardar a palavra de Deus, acenamos para a possibilidade de haver diferentes modos de significar tal silêncio a depender das condições de produção em que tal tentativa de semantizar o silêncio se constitui. Foi, portanto, buscando compreender um determinado funcionamento específico do discurso religioso que nos debruçamos sobre o objeto que, a seguir, passamos a detalhar.

Interessa-nos, conforme dito, a noção de *fé inteligente* que circula nos domínios da *Igreja Universal*. Para compreender como essa noção específica de fé funciona discursivamente, isto é, como se produzem efeitos de sentidos sobre ela, elencamos o site oficial da igreja como objeto de análise.

Buscamos, a partir disso, as matérias nas quais compareciam os sentidos sobre a *fé inteligente*. Trata-se, desse modo, de um recorte temático de acordo com nossos propósitos pré-definidos. Assim, identificadas as matérias nas quais tais sentidos se inscreviam, procedemos a um segundo momento de tratamento do material: o recorte das sequências discursivas. A noção de recorte nos é importante, à medida que, tal como afirma Orlandi (1984), os limites entre o dizer e o não-dizer são fugidios. Isso, para nós, entre outras coisas, quer dizer que trabalhar no espaço das sequências discursivas, doravante SD, permite perceber sutilezas da inscrição dos sentidos, por um processo discursivo em curso, na/pela ordem da língua.

Desse modo, visando superar uma análise de distribuição de segmentos deslocando-nos para uma análise que levasse em conta a relação das partes que constituem isso a que chamamos texto com um seu todo – virtualmente possível –, temos o recorte enquanto “uma unidade discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14). Isto é, consideramos o recorte como “fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento de uma situação discursiva”. (ORLANDI, 1984, p. 14). Um recorte, portanto, representa um estado do processo discursivo sobre o qual podemos incidir o dispositivo de análise.

Obedecendo a esses critérios, chegamos, finalmente, aos recortes dos textos que possibilitaram perceber o modo como se inscrevem, pela história e na tensão com a ordem da língua, os sentidos e, mais especificamente neste trabalho, o imaginário que se constitui sobre a fé.

Tomamos, à luz da Análise do Discurso, a história em sua relação com a Ideologia e as ideologias. Isto significa que, em se tratando da IURD, estamos atentos à forma como a história se constitui no trabalho incessante da Ideologia, produzindo efeitos no discurso o que, por sua vez, medeia as relações entre os sujeitos.



Sobre a diferença entre a Ideologia e a ideologia, de acordo com Pêcheux (1995 [1975]), é possível notar que “[...] enquanto 'as ideologias tem uma história própria', uma vez que elas tem existência histórica e concreta, 'a Ideologia em geral não tem história', na medida em que ela se caracteriza por 'uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não-histórica [...]’” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 151). Dessa forma, a Ideologia, sendo única, configura-se como a instância responsável pelo assujeitamento de todo e qualquer indivíduo, enquanto as ideologias, múltiplas e relacionadas às identificações às formações discursivas, são as inscrições históricas das práticas.

Como figura central no processo discursivo – e também na hierarquia – da IURD temos o bispo. Consideramos no jogo de imagens que se produz no discurso, e de acordo com a noção de relações de força (ORLANDI, 2013), o potencial de dizer que detêm o bispo, isto é, sendo o bispo uma das maiores figuras na hierarquia da igreja e portando ele o dom de traduzir a verdade da palavra de Deus para aqueles que não conhecem, levamos em conta o efeito de verdade que decorre do que é dito por ele e que se projeta para o sujeito/fiel/leitor<sup>67</sup>.

Assim, funciona no discurso da IURD, por meio das matérias de seu site, o seguinte formulado:

<b>Quem diz</b>	<b>O que diz</b>	<b>Onde diz</b>	<b>A quem diz</b>
Bispo	significa a palavra de Deus	na matéria do site	ao fiel/leitor

Desse modo, propomos, para a investigação que aqui trazemos, o seguinte quadro:

esquema de FI	que seja	descrição
Ia(b)	sendo A, o bispo e B, o fiel/leitor	imagem que o sujeito/bispo faz do fiel/leitor
Ib(a)	sendo A, o bispo e B, o fiel/leitor	imagem que o sujeito/fiel/leitor faz do bispo
Ia(r)	sendo A, o bispo e R, o referente discursivo – a fé (inteligente)	imagem que o sujeito/bispo faz da fé
Ib(r)	sendo B, o fiel/leitor e R, o referente discursivo – a fé (inteligente)	imagem que o sujeito/fiel faz da fé

<sup>6</sup> Procedemos à noção de sujeito/fiel/leitor tal como o fizemos em nossa dissertação (cf. FATIMA, 2018). Isso por que, além de se tratar de um sujeito, tal como propõe a Análise de Discurso, estamos também diante de um interlocutor do jornal que é simpático – ou possivelmente simpático – à doutrina religiosa e, além disso, esse sujeito está espacialmente situado a partir da mediação da matéria publicada no site.



Ib[a(r)]	sendo B, o fiel/leitor, A, o bispo, e R, o referente discursivo – a fé (inteligente)	imagem que o sujeito/fiel faz da imagem que o bispo faz da fé
----------	--------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------

Quadro das Formações Imaginárias

A respeito do esquema de FI (Formações Imaginárias) cabe uma ressalva: o jogo de imagens que se projeta no discurso está passível de se desdobrar nas antecipações e não se finaliza ou se resume ao quadro acima. Entendemos, no entanto, que, para o que objetivamos compreender, os esquemas acima estão predominantemente e majoritariamente em funcionamento.

Há, a respeito das posições-sujeito que (se) constituem (n)o nosso objeto, uma especificidade a ser considerada. Por se tratar de um site que busca revestir-se de uma estética informacional, funciona, imaginariamente, o domínio do jornalístico<sup>8</sup>.

Isso não se dá sem efeitos para o discurso. De acordo com Mariani (1996), no discurso jornalístico fala a voz do especialista o que, por sua vez, investe os dizeres ali formulados de um efeito de verdade. Isso se dá, ainda de acordo com a autora, em decorrência de o discurso jornalístico ser uma modalidade de discurso *sobre* pois coloca o mundo como objeto e, ao fazê-lo, coloca-se diretamente questões a respeito dos processos de referência linguagem-mundo.

Temos defendido, a partir de nossas discussões, (*cf* FATIMA, 2018) que ocorre uma imbricação, em se tratando das mídias da IURD, entre as vozes mediadoras, a saber: a do bispo e a do colunista/jornalista. Em determinados momentos, confundem-se (ou fazem-se confundir) os dizeres em que fala a voz de Deus (ORLANDI, 1987) e os dizeres em que fala a voz do especialista (MARIANI, 1996). Isso se dá, à medida que, conforme propõe Orlandi (1987), ao tratar da circularidade no discurso pedagógico, as posições de mediação, no discurso, tendem ao apagamento.

Dito isso, defendemos que, apesar de as matérias das quais recortamos nossas SD serem assinadas por um colunista, apaga-se ali a pessoalidade da assinatura em detrimento de um funcionamento mais amplo: aquele que se constitui pela memória do funcionamento da própria imprensa adjunto àquele que se constitui pela memória da histórica religiosidade cristã e seus efeitos de verdade/autoridade.

As SD que compõem o nosso *corpus*, isto é, a materialidade linguística sobre a qual se

<sup>8</sup> Isso fica mais evidente à medida que visualizamos o site como um todo, além dos aconselhamentos de cunho mais marcadamente religioso, ele também traz notícias, atualidades, curiosidades, etc. Temos compreendido tal funcionamento discursivo nos termos do que Mariani (1996) trata a respeito da imprensa e do discurso jornalístico.

incidiu nossa análise foi recortada de duas matérias distintas e disponíveis no site *Universal.org*. São elas: “A sua fé é inteligente?”<sup>9</sup> de julho de 2013 e “A sua fé está enferma?”<sup>10</sup> de março de 2017.

São as SD:

**SD1** – *Quem nunca ouviu a famosa pergunta: “por que tudo que faço dá errado?”, a resposta é simples: Porque tudo o que faz é de forma errada. Quando se usa a fé inteligente, se alcança as bençãos de Deus.* (MARQUES, 2013 , s. p.)

**SD2** – *Quando a fé se torna apenas religiosa, não funciona, pois os sentimentos usados impedem a ação de Deus. Quando o Senhor Jesus veio ao mundo para trazer a Salvação, os religiosos da época usavam a fé associada com o sentimento, então não conseguiam entender por que o Altíssimo realizava milagres aos sábados.* (MARQUES, 2013, s. p.)

**SD3** – *Se você deseja ter uma transformação interior e aprender a usar a fé inteligente, acompanhe todos os dias as mensagens de fé do bispo Edir Macedo, pela IURD TV e Rede Aleluia de rádio.* (MARQUES, 2013 , s. p.)

**SD4** – *A Palavra Amiga do bispo Edir Macedo desta última quarta-feira (19) – transmitida pela Rede Aleluia de rádio – foi dirigida, especialmente, às pessoas que têm vivido uma vida cheia de limitações, miséria, que têm estado em conflito entre dois pensamentos, com a mente repleta de dúvidas, sentindo-se abatidas, fracas, e atribuído a responsabilidade de toda essa frustração a terceiros. ‘O problema é que a sua fé tem estado enferma e, por conta disso, você tem fracassado’, afirmou o bispo.* (VIDAL, 2017, s. p.)

**SD5** – *Como saber se a sua fé está fraca? ‘Basta ver as suas atitudes’, ensinou o bispo. ‘Se depende da opinião de terceiros, por exemplo, para tomar uma decisão, isso mostra que a sua fé está fraca, debilitada. Você não está seguro do que Deus quer fazer, da vontade de Deus. Isso é um sinal evidente de que sua fé está enferma.’.* (VIDAL, 2017, s. p.)

9.Disponível em <<https://www.universal.org/noticias/a-sua-fe-e-inteligente>>. Acesso em 20 fev. 2018

10.Disponível em <<https://www.universal.org/noticias/a-sua-fe-esta-enferma-40015>>. Acesso em 20 fev. 2018

**SD6** - ‘*Você tem estado fraco na fé, débil, doente na fé, neste domingo, 23 de abril, em todos os templos da Universal, em todo o planeta, os pastores, bispos, auxiliares e obreiros estarão unidos numa só fé, num só espírito, num só coração, para tentar restaurar, restabelecer, a fé daqueles que estão com a fé enferma*’. (VIDAL, 2017, s. p.)

Tendo organizado e apresentado as SD, passamos, a partir de agora, às análises propriamente ditas.

## Análises

No plano da superfície linguística, é perceptível a necessidade que a IURD, por meio do seu canal – o site –, tem em diferenciar/delimitar uma noção de fé sua própria. Essa fé, conforme os dizeres da própria igreja, não é uma fé como qualquer outra, mas uma *fé inteligente*.

De início, portanto, gostaríamos de organizar, a partir de uma ordem binária que intervém, entre outras coisas, pela própria organização de determinadas línguas naturais, como a língua portuguesa – nosso caso –, algo que se coloca semanticamente como contraposição: ao inserir a noção de *fé inteligente*, discursivamente, e pelo regime de paráfrases<sup>11</sup>, intervém no processo de significação o que seria a fé *comum*<sup>12</sup>. Desse modo, temos

Fé comum ↔ Fé inteligente

Remetendo tal discussão à SD1, é possível observar o modo como se dá a materialização do que representamos no esquema acima. A *fé inteligente*, partindo do que se diz em SD1, é a resposta “simples” e objetiva para os questionamentos no que se refere ao fracasso das investidas do sujeito/fiel em relação a algo. Pode-se reler o enunciado da seguinte forma: se não se utiliza a *fé inteligente* e, por contraposição, utiliza-se a fé comum, “tudo que faço dá errado”, e a função da narrativa que está sendo construída por meio da matéria do site é, sobretudo, explicar os porquês desse fracasso.

Ressaltamos de início duas questões: em primeiro lugar, ao se tratar de “dar errado” e “fazer da forma errada” remete-se a uma ideia de fracasso. Isso faz com que, pelo não-dito –

11 Consideramos a paráfrase teoricamente, tal como propõe Pêcheux (1969[2014]) em sua formulação da Análise de Discurso

12 Utilizamos o sintagma “fé comum” e, por vezes, “fé normal” no sentido de uma fé qualquer, ou seja, uma fé que não seja aquela vivenciada nos domínios da IURD. Desse modo, “comum” é aquilo que é comum a todos, menos à IURD, por isso ela se destaca, na mesma direção, “normal” é aquilo que está na normalidade, no corriqueiro e não confere status ou exclusividade.

tal como discute Orlandi (2013) –, faça-se presente, no processo de significação, a noção de sucesso/não-sucesso – ainda que ausente linguisticamente –; temos, portanto, uma contraposição que se insere discursivamente – fracasso X sucesso; em segundo lugar, tem-se o caráter assumidamente explicativo, isto é, didático adotado pelo autor – trata-se da voz do sujeito/bispo subsumida à do colunista/jornalista.

Desse modo, temos, respectivamente, um funcionamento de antítese e um funcionamento comum às explicativas, revestindo-se os dizeres ali formulados de um didatismo tal como propõe Mariani (1996), ao discutir a imprensa carioca *sobre* o comunismo e os comunistas.

Sobre a antítese ‘fracasso x sucesso’, faz-se necessário remeter seu funcionamento às condições de produção dos sentidos nas quais se insere, discursivamente, a *IURD*. A igreja é adepta à Teologia da Prosperidade e, em virtude disso, apresenta alguns deslocamentos, em relação a algumas vertentes mais tradicionais do cristianismo. Deslocamentos esses que são importantes, como memória, para se compreender o que opera nas SD que analisamos, em se tratando de uma semântica de cunho materialista.

A subsunção à Teologia da Prosperidade, conforme temos afirmado (FATIMA, 2018), possibilita uma aproximação entre o funcionamento discursivo do religioso e o funcionamento discursivo da lógica do mercado. Diferenciam-se, portanto, as igrejas adeptas de tal teologia de outras como, por exemplo, aquelas filiadas à Teologia da Libertação.

Sobre a aproximação, pelas condições de produção atuais, da prática discursiva da *IURD* com o neoliberalismo econômico, enquanto prática discursiva do mercado, trazemos Rodrigues (2002):

Tanto a teologia da prosperidade, como discurso religioso, quanto o ideário neoliberal, como teoria e princípio filosófico no campo econômico apresentam cada um, ao seu modo um elenco de ideias para solucionar problemas sociais e existenciais de diferentes formas; problemas que abarcam o indivíduo e o conjunto da sociedade e, nesse aspecto, ambos oferecem, dentro de seus campos de atuação, diferentes maneiras de superação desses problemas. (RODRIGUES, 2002, p. 37)

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos perceber que tanto a prática teológica própria da *IURD*, quanto o ideário neoliberal enquanto princípio filosófico dominante na formação social atual, colocam-se, discursivamente, pela exploração da possibilidade de superação de determinados problemas que, na verdade, tratam-se de questões de ordem material. O fracasso que se insurge nesse íterim, é, em grande parte, um fracasso das condições de existência dos sujeitos para quem se direcionam os enunciados produzidos pela

IURD.

Desse modo, temos proposto um paralelo entre a religiosidade própria da Teologia da Prosperidade e a lógica do mercado através da noção de meritocracia. Nesse sentido, retornando à SD1 e à contraposição fracasso X sucesso que neste trabalho propomos, ocorre o seguinte funcionamento: tal como na lógica do mercado, pela meritocracia, em que há aqueles que se esforçam e, por isso, merecem a conquista, do mesmo modo funciona a *fé inteligente*, que não é uma fé qualquer, mas uma fé para aqueles que se esforçam e, em consequência disso, que a merecem.

Sendo assim, afirmamos que

O que temos observado é que nessa imbricação do ideário neoliberal com a religiosidade há um apagamento do sentido sobre o fracasso em detrimento da circulação do sentido sobre a possibilidade do sucesso, da vitória. A possibilidade de fracassar, de não obter determinada graça divina é apagada à medida que o pré-requisito para o sucesso é a fé e o fiel comum julga possuí-la tendo-a recebido como graça divina. (FATIMA, 2018, p. 55)

Direcionando nosso dispositivo de leitura para a SD2, ainda em busca de perceber a maquinaria discursiva pela qual se semantiza a fé pela IURD, é possível perceber outra antítese, isto é, outro procedimento de contraposição discursiva, pela cadeia parafrástica, que se materializa nos dizeres aqui analisados: trata-se do binarismo emoção (sentimento) X razão.

Em SD2, diz-se que “os sentimentos usados impedem a ação de Deus”, em um contexto em que se utiliza uma fé com sentimentos, resulta-se, a partir disso, que “a fé se torna apenas religiosa” e, por isso, “não funciona”.

Lê-se, por meio disso, que, sendo a *fé inteligente* diferente da *fé comum*, que vem atrelada ao sentimento, ela – a *fé inteligente* – é uma fé desprovida ou, pelo menos, parcialmente desprovida de sentimento. Além disso, ainda pelo contraste existente pela lógica binária de semantização que se instala, sendo a *fé comum* uma fé “apenas” religiosa, compreende-se que há na *fé inteligente*, algo de não religioso, que tende ao racional.

Diante disso, permitimo-nos uma indagação: há de se ter algo na fé que não seja do domínio do religioso? Que elemento é esse que vem insurgindo discursivamente nessa noção específica de fé da IURD que comparece como fundamental para o exercício da fé?

Seguindo pela desmontagem da estrutura linguística de SD2, observemos a seguinte passagem: “Quando o Senhor Jesus veio ao mundo para trazer a Salvação, os religiosos da época usavam a fé associada com o sentimento, então não conseguiam entender por que o

Altíssimo realizava milagres aos sábados”. Observa-se, a partir de SD2, que há uma necessidade de marcar linguisticamente a existência de “os religiosos”. Sendo a IURD uma instituição religiosa, indagamo-nos sobre tal necessidade, já que sendo “os religiosos” linguisticamente marcados como *eles* – para situar a discussão por meio das pessoas do discurso<sup>13</sup> –, resta para a IURD ocupar o lugar do *nós*, já que é a IURD que enuncia. Contrapõem-se, desse modo, *nós* – a IURD – e *eles* – os religiosos.

Delimita-se, assim, que se na IURD há religiosos, não são quaisquer religiosos, pois diferenciam-se dos *outros*. É por meio desse raciocínio que podemos nos remeter às condições de produção de uma certa disputa no cenário político-ideológico religioso brasileiro, no qual há, principalmente nas igrejas neopentecostais<sup>14</sup>, uma forte tensão na busca pela aquisição de fiéis.

Resta dizer, a partir da análise dos dizeres de SD3, que a IURD é, de fato, a detentora dos mistérios inerentes à aquisição da *fé inteligente*. Diz-se que “Se você deseja ter uma transformação interior e aprender a usar a fé inteligente, acompanhe todos os dias as mensagens de fé do bispo Edir Macedo, pela IURD TV e Rede Aleluia de rádio.”.

Chamamos a atenção para a forma do dizer que se instala especificamente em SD3. A chamada, que se inicia por uma condicional, em sua forma, remete diretamente às propagandas em que, comumente, disponibilizam-se determinados produtos<sup>15</sup>. Para além disso, ao mobilizar o verbo *aprender*, remete-se não a qualquer tipo de propaganda, mas àquelas mais familiares às instituições de ensino privadas, que são detentoras de um certo saber, e permitem o acesso a ele sob determinadas condições.

Com relação às formações imaginárias, temos, em SD3, dois pontos importantes: o primeiro consiste na imagem que a igreja faz de si ao enunciar pela forma propagandística e, mais especificamente, pela forma de propaganda que descrevemos acima; o segundo consiste na imagem que a igreja faz de seu fiel/leitor, como aquele que é convidado a aprender. Reforça-se, aí, a imagem do sujeito/fiel do domínio religioso que não possui a palavra da verdade e, por isso, necessita de um mediador para chegar até ela.

Conforme afirmamos em seção anterior neste artigo, o bispo – por meio de sua voz – é elemento central no processo de produção de sentidos dos dizeres formulados nas matérias

13 Referimo-nos aqui às pessoas do discurso comuns à organização linguística: eu, tu, ele (no singular), nós, vós e eles (no plural).

14 Temos defendido que as igrejas adeptas da Teologia da Prosperidade podem ser designadas dessa forma. Não é, no entanto, um consenso entre os estudiosos tal nomenclatura.

15 O que tratamos aqui, é de um funcionamento comum ao domínio de áreas como o marketing, a publicidade, etc. Tal fato se comprova, pela própria organização linguística desses enunciados. Ao ligar a TV, por exemplo, não é difícil encontrar um enunciado como “Se você quer adquirir tal produto ligue agora para [...]” ou alguma das infinitas paráfrases disso.

que analisamos. No caso específico da IURD nos parece que em se tratando do bispo Macedo – maior autoridade da denominação religiosa – o efeito de verdade que se materializa é, de algum modo, potencializado.

Se, por um lado, há um efeito de verdade pela voz de qualquer que seja o bispo, por outro lado, os dizeres do bispo Macedo representam um lugar de autoridade maior, já que estamos diante da palavra daquele que alcançou o maior posto e maior prestígio na hierarquia e na liturgia da igreja. Pensando a hierarquia de cargos da igreja de forma vertical, uma indagação surge: por estar no topo e, em consequência disso mais alto, estaria o bispo Macedo, metaforicamente, mais próximo de Deus do que todos os outros, já que Deus, o Altíssimo, habita os céus?

Em um primeiro movimento de análise na SD4, lê-se que “A Palavra Amiga do bispo Edir Macedo [...] foi dirigida, especialmente, às pessoas que têm vivido uma vida cheia de limitações, miséria, que têm estado em conflito entre dois pensamentos”. Depreendemos, dessa SD, algo que ainda não trouxemos à discussão neste artigo: a projeção imaginária de um mal estar para a vida do sujeito/fiel.

Tal projeção está intrinsecamente ligada ao esquema das formações imaginárias que formulamos anteriormente. A partir, para sermos mais específicos, deste jogo de imagens, o colunista, revestido pela voz e autoridade do bispo, imagina um possível fiel a se tornar adepto da *fé inteligente*. Esse fiel/leitor possui “uma vida cheia de limitações”, está em “miséria” e, além disso, está dividido entre “dois pensamentos” sendo, por isso, uma pessoa confusa e que, em consequência disso, precisa da intervenção de alguém que pode resolver tal conflito.

De acordo com SD4, ainda, esse sujeito/fiel/leitor está “repleto de dúvidas, sentindo-se abatido, fraco, e atribui a responsabilidade de tudo o que lhe acontece a terceiros”. Projeta-se, a partir desses últimos dizeres, a ideia de que não sendo a responsabilidade de tudo que acontece de terceiros é, então, do próprio sujeito. Vale ressaltar que, conforme temos demonstrado, a fé tem sido discursivamente delineada como algo da dimensão individual do sujeito. Vale lembrar, também, a relação de semelhança que se coloca aqui a partir da individualidade necessária para o exercício da meritocracia em uma determinada lógica vigente.

Em um segundo movimento de análise em SD4, há uma citação direta na qual se transcreve uma fala do bispo Edir Macedo, nela se lê que “O problema é que a sua fé tem estado enferma e, por conta disso, você tem fracassado”. O fracasso, desse modo, é, pelas palavras do bispo, atribuído à fé que está enferma. A fé do sucesso, por contraste, é a fé sadia



e não está enferma.

Já em SD5 comparece uma nova determinação para a fé, ela aparece como fraca. Antes de analisar a SD5 propriamente dita, gostaríamos de anotar os deslizamentos pelos quais foram se inscrevendo as noções de fé aqui analisadas.

Contrapõem-se à fé inteligente, a fé comum, que desliza de uma não determinação para perpassar a seguinte cadeia de deslizamentos:

Fé apenas religiosa → Fé associada ao sentimento → Fé enferma → Fé fraca

Desse modo, colocam-se no mesmo campo semântico algo que se remete pura e exclusivamente ao domínio religioso, que está associado ao sentimento, além disso algo que está enfermo e, também, algo que se tornou fraco. Religiosidade, sentimento, enfermidade e fraqueza são produzidos no mesmo sítio de significação: o da fé *comum*, aquela fé qualquer, praticada em outros domínios religiosos que não o da IURD.

Retomando a SD5, o que comparece é a explicação dos motivos de uma fé fraca. Mais uma vez retorna fortemente o funcionamento explicativo que se insere discursivamente como incisa na dispersão do texto, reafirmando o lugar de autoridade da voz do especialista – que explica, pois sabe do que está falando – e produz efeitos de verdade pelo/para o que é dito.

A “fé fraca”, de acordo com a leitura de SD5, é perceptível a partir de “atitudes”. Tais “atitudes”, sob a pena de tornar a fé fraca, não podem estar atreladas a “opinião de terceiros”. Tomar atitudes com base na orientação do outro – vale ressaltar que se trata aqui de um outro qualquer e não o outro *nós*, no qual está contida a IURD como enunciadora – resulta em uma “fé debilitada”.

Transcrevendo a voz do próprio bispo, a SD continua “Você não está seguro do que Deus quer fazer, da vontade de Deus. Isso é um sinal evidente de que sua fé está enferma”. Ao presentificar a “vontade de Deus” e uma “não segurança”, por parte do fiel, no conhecer/desconhecer essa vontade, a IURD coloca em circulação um efeito de homogeneidade e transparência sobre a vontade de Deus.

É como se Deus falasse de maneira transparente e objetiva para os fiéis e aqueles que não sabem, e não estão seguros para agir conforme a vontade de Deus, não o fazem porque não querem. Sobre isso, anotamos duas questões importantes:

Primeira questão: os sentidos que aí são produzidos estão em relação intrínseca com o que diz Orlandi (2007) ao reformular, em sua teorização sobre o silêncio, a noção de discurso religioso. Se, de acordo com a autora, o que funciona na religião é a onipotência do silêncio

divino, como poderia o fiel dar, por si só, como se propõe a partir de SD5, uma interpretação límpida e inequívoca da vontade de Deus que, por sua vez, está no plano espiritual – não no temporal – (ORLANDI, 1987) e, além disso, está em silêncio?

Conforme temos sustentado, as igrejas neopentecostais têm entrado na disputa pela semantização de tal silêncio divino de maneira específica. Todavia, compreendemos que os efeitos de verdade que são produzidos na relação entre a IURD e seus fiéis não são suficientes para que o sujeito/fiel, por si só, dê sentido a algo a que ele não tem acesso<sup>16</sup>. Resta, a esse fiel, reconhecer seu fracasso na tentativa de dar sentido à vontade de Deus e submeter-se à interpretação do bispo.

Há aí o funcionamento do que Orlandi (1987) chama de circularidade. Isto é, o fiel é levado à igreja pela falta de fé. Supostamente, se ele chega à fé sozinho, ele não precisa mais da igreja. Todavia, ao se criar uma fé inatingível, o fiel sempre dependerá da igreja para traduzir a vontade de Deus. Então, finalmente, o fiel retorna à igreja.

Segunda questão: a dimensão individual que é conferida ao sujeito/fiel na relação dele com Deus tende ao fracasso. Se é necessário estar seguro pra agir e não haverá tal segurança, pois não se tem acesso a Deus de toda e qualquer maneira, resta o fracasso e a promessa do sucesso. Remetemos, aqui, essa individualidade, novamente, em seu parentesco com a noção de meritocracia.

Na sexta SD comparece algo que temos sub-repticiamente sugerido até aqui, no que se refere às condições de produção em um sentido mais *lato*, isto é, ao contexto de produção dos sentidos de uma maneira mais imediata. Trata-se da disputa, em cenário nacional, entre a *Igreja Católica* e a *Igreja Universal*.

Em SD6, lê-se “Você tem estado fraco na fé, débil, doente na fé, neste domingo, 23 de abril, em todos os templos da Universal, em todo o planeta, os pastores, bispos, auxiliares e obreiros estarão unidos numa só fé, num só espírito, num só coração, para tentar restaurar, restabelecer, a fé daqueles que estão com a fé enferma”. Nas últimas SD, os dizeres da IURD tem posto em circulação uma noção de fé *enferma*. Tal fé, construída como prejudicial ao sujeito/fiel contrapõe-se à *fé inteligente*, que é própria de *Igreja Universal*. Chama-nos atenção, nesse sentido, a escolha do dia para a campanha: 23 de abril é dia de São Jorge, um dos santos mais populares da *Igreja Católica* e padroeiro de diversos países, estados e cidades, incluindo o estado do Rio de Janeiro onde, inclusive, comemora-se o dia do santo

16 Recordamos aqui a discussão de Orlandi (1987) sobre a hierarquia existente no discurso religioso. Deus, está no silêncio, no plano espiritual; os fiéis estão no plano temporal, não tem acesso ao plano espiritual senão pela fé; as autoridades religiosas, essas sim, apesar de estarem no plano temporal, possuam a Palavra de Deus e a traduzem para os fiéis.

com um feriado.

Diante do contexto imediato de flagrante disputa pela aquisição de fiéis entre a IURD e a *Igreja Católica*, seria a fé enferma, de que trata a matéria, própria da *Igreja Católica*, já que a *fé inteligente* está nos domínios da *Igreja Universal*? Sobre isso, retornamos à SD6 para perceber que a tal *fé* que está *enferma*, por meio do encontro com a *Universal*, justamente no dia 23 de abril, será “restaurada” e “restabelecida”.

Em um outro movimento de análise, retomamos o quadro das formações imaginárias, tão caro para este trabalho, para perceber a imagem que a *Igreja Universal*, por meio das matérias do site, projeta para si mesma.

A IURD é, portanto, capaz de curar alguém em estado fraco de fé, que esteja débil ou doente em sua fé. A igreja, ainda, está por todo o planeta e seus mandatários, como na campanha de 23 de abril, tem o potencial de estar unidos em uma só fé, espírito e coração e tem o poder de tentar restabelecer aqueles que tem a *fé enferma* – que, lembramos – não é a fé da *Universal*.

Sendo assim, e retomando o quadro das formações imaginárias anteriormente apresentado, notamos que há um nó discursivo que atua pelas posições-sujeito do discurso religioso da IURD os quais produzem efeitos de sentidos através das projeções de imagens que se faz a partir das matérias do site.

O “quem diz”, desse modo, é resultado de uma imbricação de vozes autoritárias que se confundem e se subsomem uma a outra de diferentes formas em diferentes momentos, mas sempre em prol de construir um efeito de verdade do que se diz, a partir da construção de uma imagem de autoridade – seja pela via de autoridade religiosa, seja pela via de autoridade do saber, o jornalista.

O “o que diz” é, também, resultado dessa maneira peculiar à IURD de trabalhar (n)os limites da língua, já que ao significar a *fé inteligente* – uma noção até então inexistente no campo religioso brasileiro – a igreja o faz jogando com o modo de operar das posições no discurso religioso, movimentando-se de modo eficaz sob o trabalho da ideologia no que se refere à aposta que se faz no silêncio (divino).

O “onde diz” produz forte determinação, a partir de seus efeitos, no modo como tais dizeres são semantizados, já que, além do lugar de autoridade do domínio religioso, há também o lugar de autoridade investido pela estética informacional e o aparato jornalístico.

E, por fim, temos o “a quem diz”, para nós, como a maneira mais explícita de se perceber o funcionamento da projeção de imagens já que, o sujeito/fiel/leitor, como uma ausência presente – já que ele não diz, mas é dito e imaginado pelo enunciador – produz

efeitos determinantes no processo de significação da *fé inteligente* nas matérias do site da IURD.

Tendo, momentaneamente, sanado algumas das inquietações no que diz respeito às análises, passemos a algumas considerações finais.

### **Considerações finais**

Buscamos, por meio deste artigo, discutir a noção de *fé inteligente* tal como ela se apresenta nos meios de mídia da IURD, tal como seu site, nosso objeto empírico de pesquisa.

Por meio de SD recortadas de duas matérias que versaram sobre essa noção específica de fé da IURD, realizamos um procedimento de desmontagem da maquinaria discursiva dos dizeres formulados nas matérias, a fim de perceber, pela ordem da língua, as sutilezas da materialização de determinados sentidos e, pelo não-dito, a inscrição daquilo que, como uma ausência presente, influencia no processo de semantização na relação linguagem-mundo.

É verdade que fizemos algumas opções como, por exemplo, não discutir a contraposição ‘inteligência x burrice’, que poderia se inscrever pelo não-dito, ao se observar a superfície linguística do sintagma ‘fé inteligente’. Compreendemos que trazer esse ponto, que também constitui o imaginário que se constitui no jornal, poderia nos desviar de nosso propósito mais amplo – que advém da nossa produção acadêmica mais amplamente – de notar os efeitos da subsunção à Teologia da Prosperidade pela IURD. Tratar de ‘burrice’ nos prenderia a outra dimensão de análise que não aquela que nos leva a compreender que a fé, para a IURD, perpassa uma dimensão individual, meritocrática, consciente e racional.

Centramo-nos, por isso, em trazer as formações imaginárias, tal como propostas por Pêcheux (2014 [1969]), o que nos permitiu desvelar, a partir da imagem que os sujeitos do discurso religioso da IURD, em suas posições, projetam para si mesmos e para os outros, elementos que constituem os dizeres da *Universal*, mas que nem sempre estão tão visíveis em uma primeira leitura, caso esta última forma de leitura esteja em busca de um conteúdo no texto.

Percebemos que funcionam na noção de *fé inteligente* alguns elementos que estão para além da fé tal como praticada em outras denominações religiosas. Por contraposição, a fé comum é significada como enferma, sentimental, isto é, inútil, de acordo com a significação atribuída pelas matérias do site, em uma sociedade como a nossa. Por outro lado, a *fé inteligente* reveste-se de um *utilitarismo* ao se pretender racional, objetiva e infalível.

Tal utilitarismo, conforme, pela dispersão das análises que fizemos, demonstramos, nos conduz à relação íntima que as igrejas adeptas à Teologia da Prosperidade guardam com a

lógica do mercado e seu funcionamento discursivo.

Por fim, acreditamos que esta análise, apesar de ser uma dentre outras, resulta em um dispositivo de leitura crítico e necessário, já que, com o avanço da sociedade capitalista moderna, a ciência deve estar atenta aos deslocamentos de sentido na formação social, ainda que pequenos ou restritos a um determinado grupo, como é o caso da fé.

Compreendemos, também, ter contribuído, com este pequeno artigo, para a defesa do ponto de vista da Análise do Discurso que teoriza a não-transparência da linguagem, e que, conforme diz Orlandi (2013) o sentido pode sempre ser outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FATIMA, Wellton da S. *As sexualidades mal ditas no discurso religioso neopentecostal*. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- FATIMA, Wellton da S. *Igreja, Ideologia e Discurso: algumas questões*. In: VII Seminário Alunos dos Programas de Pós-graduação do Instituto de Letras (SAPPIL) UFF, 2016, Niterói. Anais do VII SAPPIL. Niterói: PPG UFF, 2016. v. 2. p. 741-748
- FATIMA, Wellton da S. *Imaginário sobre corpos desviados no jornal Folha Universal*. Revista Alpha, v. 18, 2017. p. 100-117
- JAKOBSON, R. *Essais de Linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.
- MARIANI, Bethania S. C. *Fundamentos teóricos da Análise de Discurso: a questão da produção de sentidos*. Niterói: Revista Gragoatá, 1997.
- MARIANI, Bethania S. C. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MARQUES, Sabrina. *A sua fé é inteligente?*. In: Universal. 2013, s. p. Disponível em <<<https://www.universal.org/noticias/a-sua-fe-e-inteligente>>> acesso em 01 de fevereiro de 2018
- ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e Seu Funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 1987.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 11 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013
- ORLANDI, Eni P. *As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni P. *Segmentar ou recortar? In Linguística: questões e controvérsias*. Uberaba: FIU, 1984.
- PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F. e HAK, T. (org.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1969].
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].
- RODRIGUES, Kleber F. *Vida e vida com abundância: teologia da prosperidade, sagrado e mercado*. 2002. 173f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, 2002.

VIDAL, Jeane. *A sua fé está enferma*. In: UNIVERSAL. 2017, s. p. Disponível em: <<<https://www.universal.org/noticias/a-sua-fe-esta-enferma-40015>>> acesso em 01 de fevereiro de 2018.

**Artigo recebido em fevereiro de 2018.**

**Artigo aceito em abril de 2018.**